

MULHERES ARTISTAS

NO ACERVO DA UFES

SOBRE AS OBRAS

Universidade Federal do Espírito Santo
Galeria de Arte Espaço Universitário
Exposição *Mulheres Artistas no Acervo da UFES*

Reitor

Paulo Sergio de Paula Vargas

Vice-Reitor

Roney Pignaton da Silva

Secretário de Cultura

Rogério Borges

Curadoria e Coordenação da Galeria de Arte Espaço Universitário

Ananda Carvalho

Curadoria Educativa

Margarete Sacht Góes

Educativo

Kênia Tinelli

Assistência de Curadoria Educativa

Danielly Tintori

Assistência de Curadoria

Káren Nascimento

Diagramação

Milena Espinoza Maurtua

Danielly Tintori

Estratégias de Mediação e Material Educativo

Margarete Sacht Góes, Kênia Tinelli, Danielly Tintori, Daysa Falqueto, Flávia Souza, Guilherme Brasil, Káren Nascimento, Fernanda Sabine, Maria Luiza Galacha, Milena Espinoza, Thalia Decarli, Graziela Ferreira

Produção Cultural e Identidade Visual

Ana Paula Gusmão

Administrativo

Lucas Martins

Museologia

Pedro Ibsen Aragão

Preservação e Conservação de Obras

Angélica Reckel

Revisão de Texto

Pedro A. de Oliveira Brito

Parcerias Estágio Obrigatório

Disciplina: Estágio curricular supervisionado do ensino de Artes Visuais

Professora: Adriana Magro

Estudantes: Gabriel Jesus Leite, Yasmin Martins Alves, Milena Almeida

Disciplina: Estágio Supervisionado II Letras Libras Bacharelado em Tradução e Interpretação

Professoras: Jeff Jeffa Moreira Santana e Daniela Gomes Gumiero

Estudantes: Jéssica Correa Augusto, Maria Eduarda Pimenta de Oliveira, Renata Silva dos Santos, Veruska A. V. Monteiro

Setor de Tradução e Interpretação em Libras

Elizabeth Reis e Joyce Karolina (Intérpretes libras)

Apoio

GEPAEI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte na Educação Infantil e TV Ufes

Realização





Exposição *Mulheres Artistas no Acervo da UFES*

Artistas

Andrea Abreu

Charlene Bicalho

Denise Pimenta

Elisa Queiroz

Fayga Ostrower

Juliana Morgado

Lara Felipe

Lygia Pape

Mara Perpétua

Márcia Capovilla

Marta Baião

Nelma Guimarães

Nelma Pezzin

Rosana Paste

Simone Guimarães

Tatiana Rosa

Thaís Apolinário

Thais Graciotti

Tomie Ohtake

Andrea Abreu



Observando agora a pintura de Andrea Abreu podemos pensar em sua produção. Como você acredita que essa pintura foi feita? Quais cores e movimentos mais chamam sua atenção? Observe o material da tela escolhido pela artista.

Andréa Abreu é artista visual formada pela Ufes e tem a pintura abstrata como o seu principal meio de expressão. Do ano 2000 até 2016, a artista teve um embate muito forte com a pintura, onde manteve uma produção diária. Ela participou de inúmeras exposições coletivas e algumas individuais, como por exemplo, a mostra intitulada “Andrea Abreu-Pinturas” (2006), ocorrida na Gaeu, contendo suas paisagens singulares.

A artista teve um texto escrito sobre seu trabalho no livro “Artistas Capixabas”, de Erly Vieira, onde sua poética é descrita como “fixação de movimento na tela”. Sua obra presente na exposição parte da utilização de suas mãos sujas de tinta, diretamente na tela, que foi configurada como um lençol semitransparente, com a finalidade de registrar o movimento e a fluidez a partir da criação de camadas de cores que, no dia seguinte, após a finalização da paisagem abstrata, recebia um outro lençol por cima realizando uma nova pintura.

Andrea Abreu
Sem título (2001)
Pintura
Tinta vinílica sobre tecido

Andrea Abreu

Para a artista o uso do lençol tem significados afetivos, já que traz a ela lembranças de sua infância no interior de Minas Gerais, descrevendo o tecido como uma roupa onde a artista exerce suas atividades cotidianas como: dormir, ler e fazer suas refeições.

Na exposição coletiva *Conspectus* (12/2006-02/2007), no Museu de Arte do Espírito Santo (MAES), foi construída a ideia de ateliê da artista, onde os espectadores podiam observar as fases do processo criativo de Andrea como também as suas marcas nos respingos de tinta no chão.



Andrea Abreu
Sem título (2001)
Pintura
Tinta vinílica sobre tecido.

Charlene Bicalho

Charlene Bicalho apresenta-se em sua minibiografia como artista interdisciplinar, curadora de articulações criativas e pesquisadora independente, cujo trabalho se desdobra em vídeo experimental, performance, texto, instalação, intervenção e fotografia. Sua prática criativa abarca interesses artísticos, ativistas, críticos e curatoriais, contendo, mesmo em suas abordagens individuais, o desejo coletivo por visualidades divergentes.

Sua primeira participação em exposições foi em “Horizonte”, realizada na Gaeu em 2013. Ela propôs uma instalação que era um desdobramento da série web-documentária “RAIZ FORTE”, que, de acordo com o canal do youtube do projeto, apresenta “registros e relatos de mulheres negras residentes no Estado do Espírito Santo acerca da estética afrodescendente no âmbito familiar, escolar, afetivo e de militância”.

Charlene Bicalho
Sem título da série *Irremovível*
(2013-14)
Objeto
Cabelo em recipiente de vidro.
Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)



Charlene Bicalho



Charlene Bicalho
Sem título da série *Irremovível*
(2013-14)
Objeto
Cabelo em recipiente de vidro.
Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)

A instalação apresentada em 2013 era diferente da que você vê aqui hoje. Quer saber como era? O trabalho ocupava dois espaços. O primeiro, mais isolado, proporcionava um ambiente mais íntimo com uma espécie de penteadeira, espelho e frascos de vidros vazios. O público era convidado a doar uma mecha de cabelo, escolher um recipiente, e em seguida deixar registrado em um caderno o motivo da doação ou apenas o nome. Do outro lado, ficavam os potes de vidros com as mechas de cabelo doadas pelas pessoas que passavam por ali. Ao todo foram cerca de 120 depoimentos. O acervo da Ufes salvaguarda 15 potes de vidros de diferentes formatos com os cabelos coletados.

Charlene Bicalho comenta que nesta obra “estão algumas das memórias afetivas de pessoas que entrelaçam sua vida. As texturas das mechas exalam as fragrâncias dos encontros capazes de mostrar a metade do fractal submerso dentro de cada um de nós. Enquanto o reflexo confronta o estranhamento diante de si, moldando novos significados de uma herança irremovível.”

A artista fez outros trabalhos que pensam sobre a questão da identidade negra e suas ancestralidade. Mas, atualmente, suas produções refletem sobre a “interseção entre crítica institucional e criação de espaços hegemônicos de aprendizagem”, de acordo com afirmação da artista em vídeo da exposição *Atos Modernos* que participou na Pinacoteca de São Paulo em 2022.

Denise Pimenta



Observe a obra de Denise atentamente, quais cores e formas presentes na pintura te chamam atenção? A artista representa corpos geométricos que se unem através das cores quentes dos giz de cera, se sobrepondo em um fundo geométrico de cores frias. A artista Denise Rodrigues Pimenta nasceu em Vitória, Espírito Santo, e cursou Artes Plásticas na Ufes e na UNB, se especializando posteriormente na UFSC. Denise trabalhou como designer gráfico e ilustradora da Ufes por muitos anos, tendo se aposentado posteriormente pela instituição, porém ainda trabalha como ilustradora na área de livros infantis até os dias atuais. Nos 20 primeiros anos de sua carreira como artista, realizou diversas exposições coletivas e individuais nos estados de ES, RJ e SP.

Denise Pimenta
Sem título (1977)
Desenho
Aquarela, crayon e grafite sobre papel.
Participação em exposições:
Il salão de arte universitária do ES
(Galeria Homero Massena, 1977)
Programa Bolsa Arte-78 (Gaeu, 1978)

Denise Pimenta

Na exposição Programa Bolsa Arte 78, realizada na Galeria de Arte Espaço Universitário, Denise, juntamente com outras artistas de sua época, mostraram obras que, segundo elas, eram feitas “de estudantes para estudantes”, com a finalidade de expor trabalhos destinados ao público de dentro da universidade, abrangendo todos no seio estudantil, abrindo diálogos sobre os espaços expositivos presentes na universidade e sobre a arte como ofício no espaço acadêmico.

A exposição Programa Bolsa Arte 78 foi uma das primeiras exposições realizadas na Galeria de Arte Espaço Universitário, isso porque a galeria foi criada em 1977, porém só iniciou suas atividades de fato em outubro de 1978, com a organização do III Salão de Artes Plásticas e posteriormente, no final do ano, com a exposição que englobava os alunos e alunas contemplados com o Programa Bolsa-Arte.



Denise Pimenta
Sem título (1977)
Desenho
Aquarela, crayon e grafite sobre papel.
Participação em exposições:
Il salão de arte universitária do ES (Galeria Homero Massena, 1977)
Programa Bolsa Arte-78 (Gaeu, 1978)

Eliza Queiroz

Maria Elisa Moreira Queiroz nasceu em Macaé, no Rio de Janeiro, em 1970, e mais tarde se mudou para o ES para cursar a graduação em artes plásticas na Ufes. Sua poética estabelece significados tangíveis e simples, memórias pessoais, lembranças extraídas da infância para tocar nas angústias da mulher atual.

Observando a obra de Elisa presente nesta exposição, quais relações você vê na obra da artista com os corpos femininos considerados reais na atualidade?

As obras de Elisa evidenciam a exploração do corpo feminino, muitas vezes o seu próprio, questionando os padrões de beleza da sociedade contemporânea, como pode ser visto na sua obra "Sem título", presente na exposição, onde seu corpo é retratado em tamanho real. Observe atentamente a obra, você consegue perceber que material foi utilizado?

Essa investigação acerca de uma "adiposidade sedutora" começou em meados dos anos 90, quando Elisa, na época estudante da graduação, percebeu que a presença de formas arredondadas e amplas nos trabalhos artísticos que produzia durante sua pesquisa de iniciação científica, eram na verdade, uma tradução das formas presentes em seu próprio corpo.



Elisa Queiroz
Sem título (2009)
Escultura
Recorte e colagem de papel.
Participação em exposições:
Marcus Vinicius (Gaeu, 2016)

Eliza Queiroz

A Gaeu possui em seu acervo o espólio doado pela família após a morte de Elisa, ocorrida em 2011. A artista faleceu muito nova, porém deixou um legado em obras que refletem sobre o corpo feminino contemporâneo.

Sobre seu trabalho, Elisa dizia: “Meu trabalho explica a relação que tenho com o desejo e também com a ansiedade e a necessidade de abrigo. Uma arte vinculada aos questionamentos da vida cotidiana, que me oprime e me liberta, dando subsídio para formular meus objetos”.

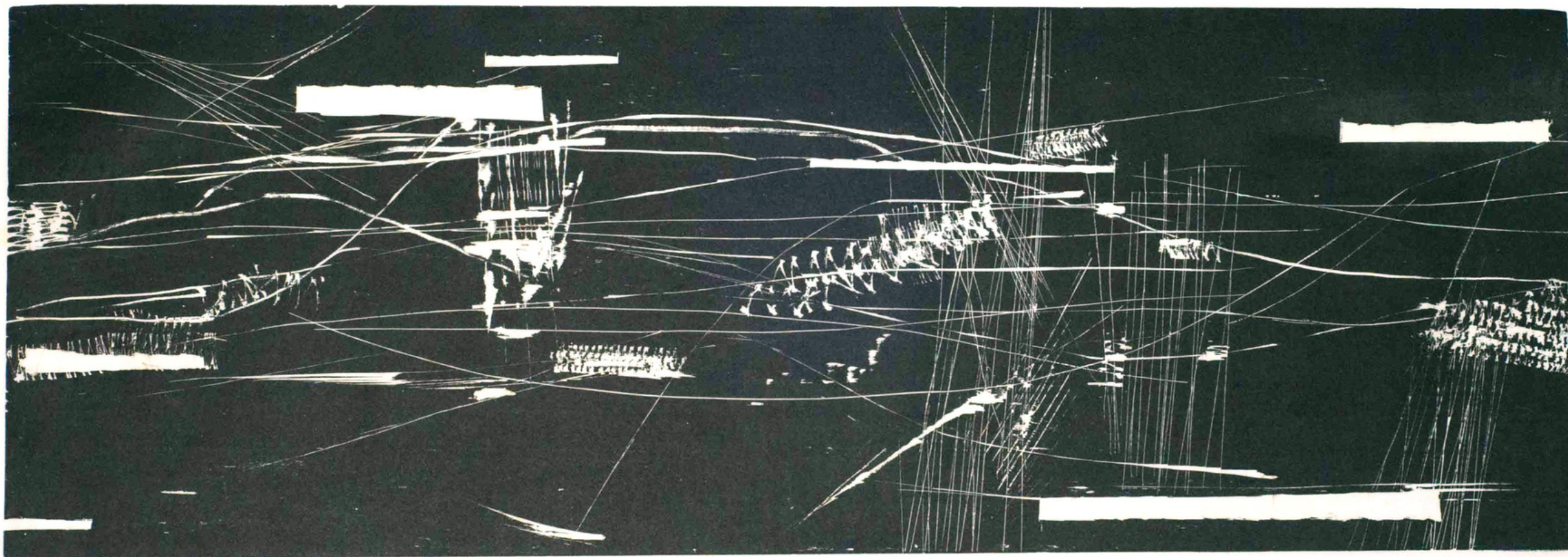
Além de seus trabalhos plásticos, a artista também transitou pela linguagem cinematográfica, realizando curta metragens como *A Novilha Rebelde*, que dirigiu em parceria com o cineasta Erly Vieira.



Elisa Queiroz
Sem título (2009)
Escultura
Recorte e colagem de papel.
Participação em exposições:
Marcus Vinicius (Gaeu, 2016)

Fayga Ostrower

Fayga Perla Ostrower nasceu em 1920 na Polônia e chegou ao Brasil em 1934, onde cursou Artes Gráficas, na Fundação Getúlio Vargas (FGV). Atuou como gravadora, pintora, desenhista, ilustradora, teórica da arte e professora. Participou de diversas exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. No início de sua carreira trabalhou questões figurativas. E ao longo de sua produção, a abstração foi totalmente incorporada em suas obras. Atualmente, ela é considerada uma das principais representantes da gravura no Brasil e uma das artistas mais importantes do país no século XX.



Fayga Ostrower
5823 (1958)
Xilogravura sobre papel de arroz.
Participação em exposições:
*Grande Prêmio Internacional de
Gravura da 29ª Bienal de Veneza (1958)*

Fayga Ostrower

Recebeu numerosos e importantes prêmios em Bienais, entre os quais, o Grande Prêmio Internacional de Gravura na 29ª Bienal de Veneza (1958), onde participou com a xilogravura que encontra-se presente nesta exposição. No ano 1984, Fayga Ostrower, realizou uma retrospectiva dos seus 39 anos de carreira aqui, na Galeria de Arte Espaço Universitário. Na qual, atualmente, encontra-se uma coleção de mais de 50 obras da artista, doadas pelo Instituto Fayga Ostrower em 2019. As obras exibidas naquela ocasião de reflexão, sobre o panorama artístico-poético trilhado pela artista, segundo Lindomberto Alves e Phoebe Degobi “[...] parecem instaurar um olhar mais “sereno” e “contemplativo” sobre o que teria sido uma das principais linhas de força a guiar seu projeto poético, a saber: “a procura de uma carga expressiva mais densa” (2021) advindas do desvio ao figurativo em direção à abstração.

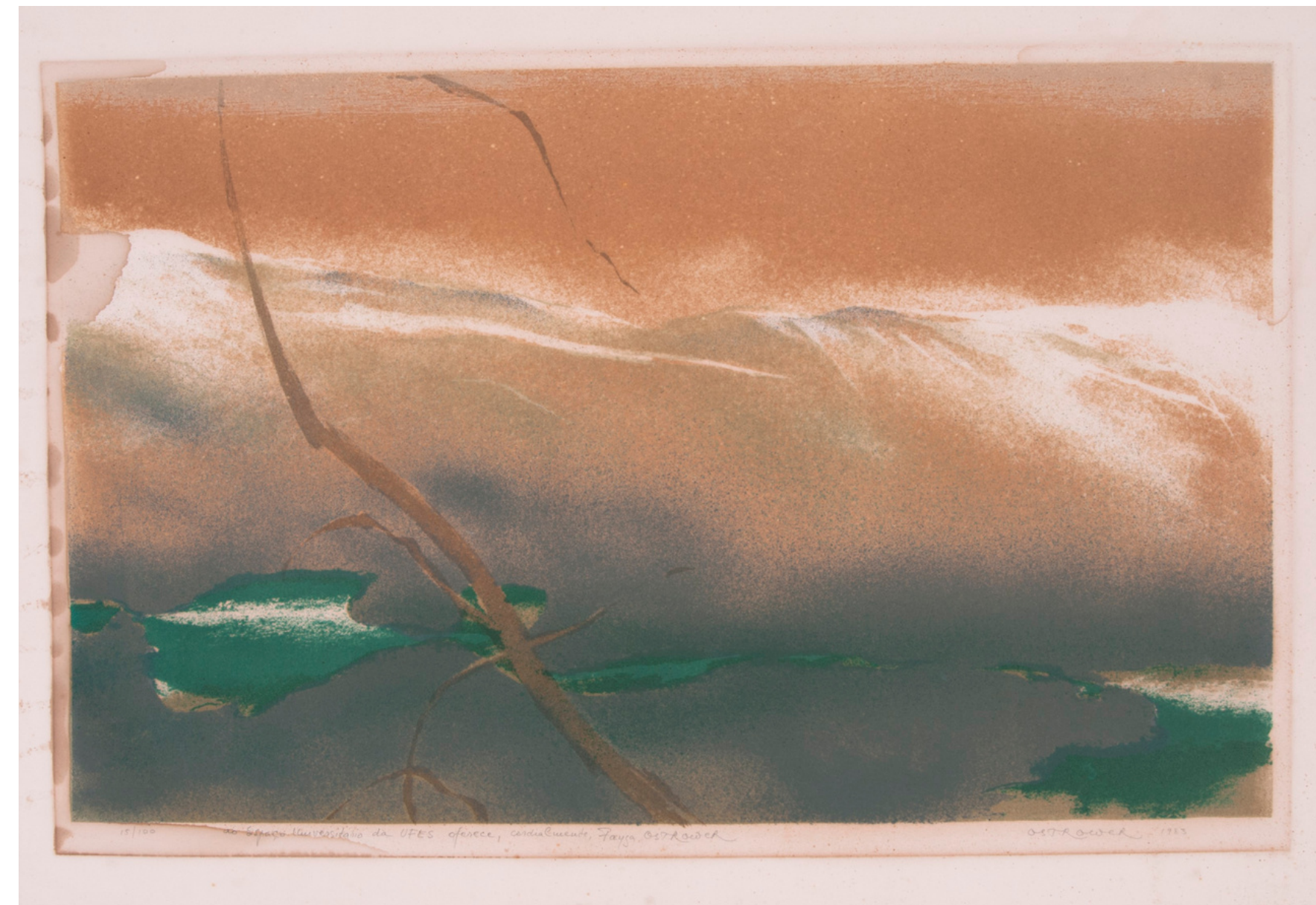


Fayga Ostrower
Mulher (1948)
Gravura em metal, água-tinta, água-forte e ponta seca sobre papel.

Fayga Ostrower

Observe as linhas presentes nas obras de Fayga, o que você consegue observar em meio aos encontros das linhas e cores?

O interesse da artista residia no espaço e as suas formas, o equilíbrio, os intervalos, a escala e a cor, demandando uma nova adequação entre forma e conteúdo expressivo. Sobre a arte, Fayga dizia: "Creio que cada artista só pode criar de dentro para fora, falando de experiências vividas em sua própria época. Ele não pode reviver épocas passadas nem antecipar épocas ainda não vividas, pois não existe procuração para o ato criador. Mas isto não significa que ele parte de uma tábula rasa. A sua experiência individual, historicamente única, se interliga com toda uma linha de evolução humana - quer dizer, ela foi possível só porque existem experiências anteriores. Se sua obra for válida, o artista reata nós para futuras experiências, embora não possa prevê-las." (1969).



Fayga Ostrower
Sem título (1983)
Serigrafia sobre papel, tiragem
15/100.

Juliana Morgado



Juliana Morgado
Brain Slicer (1998)
Serigrafia em embalagem plástica e
suporte de ferro.

Juliana Morgado Horta Corrêa, nascida em Belo Horizonte em 1974, é mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e bacharel em Artes Plásticas pela UFES. É professora universitária desde 2000, atuando principalmente nas áreas de arte contemporânea e design.

A artista produz suas obras em vários suportes, explorando elementos que criticam as formas de exploração que se intensificaram a partir do desenvolvimento do capitalismo. Ou seja, seus trabalhos procuram mostrar as relações socioculturais, políticas e econômicas que se escondem por trás dos modos cotidianos de construir juízos, gostos e identidades. Você repara como a publicidade e a comunicação transformam a sua percepção?

A série Brain Slicer, presente nessa exposição, foi criada a partir de uma observação de um fatiador de pêra que a artista encontrou no mercado. A sua apropriação de objeto não ocorre na presença do objeto cortador de pêra em si, mas nos materiais publicitários em torno deste produto, aqui materializados como serigrafia em sacolas plásticas.

Juliana Morgado

Serigrafia é um processo de impressão à base de estêncil na qual a tinta é forçada através de um crivo fino para o substrato abaixo dela. A técnica é muitas vezes utilizada hoje em dia para impressão de itens de produção em massa como camisetas, cartazes e canecas.

A artista diz que entrou por um processo muito natural na apropriação artística, não foi uma intenção previamente calculada, simplesmente foi encontrando nesses objetos ordinários do mundo questões conceituais que se desdobram em materiais para suas produções. Após apresentar na GAEU este projeto do Brain Slicer, a artista o utiliza como seu trabalho de conclusão de curso.

A partir de 2009, além de criar objetos, vídeos, instalações e interferências, passa também a realizar videoinstalações, as quais tratam das relações entre pessoas e lugares, entre identidades e patrimônio memorial.



Juliana Morgado
Cortadeira de cérebro (1998)
Panfleto e adesivo
Impressão sobre papel.

Lara Felipe

Lara Felipe, artista plástica capixaba, tem uma trajetória de sucesso pela arte, com exposições no Brasil, na América Latina e Estados Unidos, onde reside.

Nascida em Alegre, Espírito Santo, em 1971, a artista plástica, designer e publicitária se interessou pela arte nos seus primeiros anos de escola. Ingressou no curso de Artes Plásticas na Ufes no ano de 1990.

Na Gaeu, Lara participou de 4 exposições presenciais e uma virtual, sendo uma delas individual, em 1998. Você se identifica com a obra que você está vendo aqui?

A artista nos conta que “A obra *Me liquefaço*, foi criada em 1999, quando trabalhou essencialmente o corpo feminino, fragmentado, mutilado, erotizado. São corpos costurados em veludo vermelho cor de carne. O corpo-vestido é um retrato da vitimização. Sua posição dependurada em um gancho de ferro é passiva e violenta. Sua sexualidade censurada. Os desenhos de moldes de roupas contidos em caixas de acrílico, delimitam esse corpo por medidas e linhas. Cintura fina, quadris largos, sinais de fertilidade. Essas linhas contornam e amarram esse corpo fragmentado, situando-o num contexto. O corpo manifesta-se em líquidos quando se emociona. Liquefaz-se. Secreta suor, saliva e fluidos do desejo”



Lara Felipe
Me liquefaço (1998)
Objeto

Tecido costurado e metal.

Participação em exposições:

Exposição Sem título (Gaeu, 1998)

Sedução (Gaeu, 1999)

Cúando tú for mileva (Gaeu, 2014)

Lara Felipe



Ao escutar esse depoimento de Lara, pode-se perceber seu interesse por abordar em seu processo criativo questões relacionadas às representações do corpo, tabus da sexualidade, morte, condição do feminino, afetos, na tentativa de elaborar e compreender sua condição no mundo, seus desejos, medos e relações afetivas.

A artista afirma ainda que “Através da arte faz experimentações estéticas e adquire autoconhecimento. Os novos caminhos explorados contribuem para o amadurecimento e enriquecimento do percurso artístico.” E, você? Como percebe o seu corpo perante o mundo?

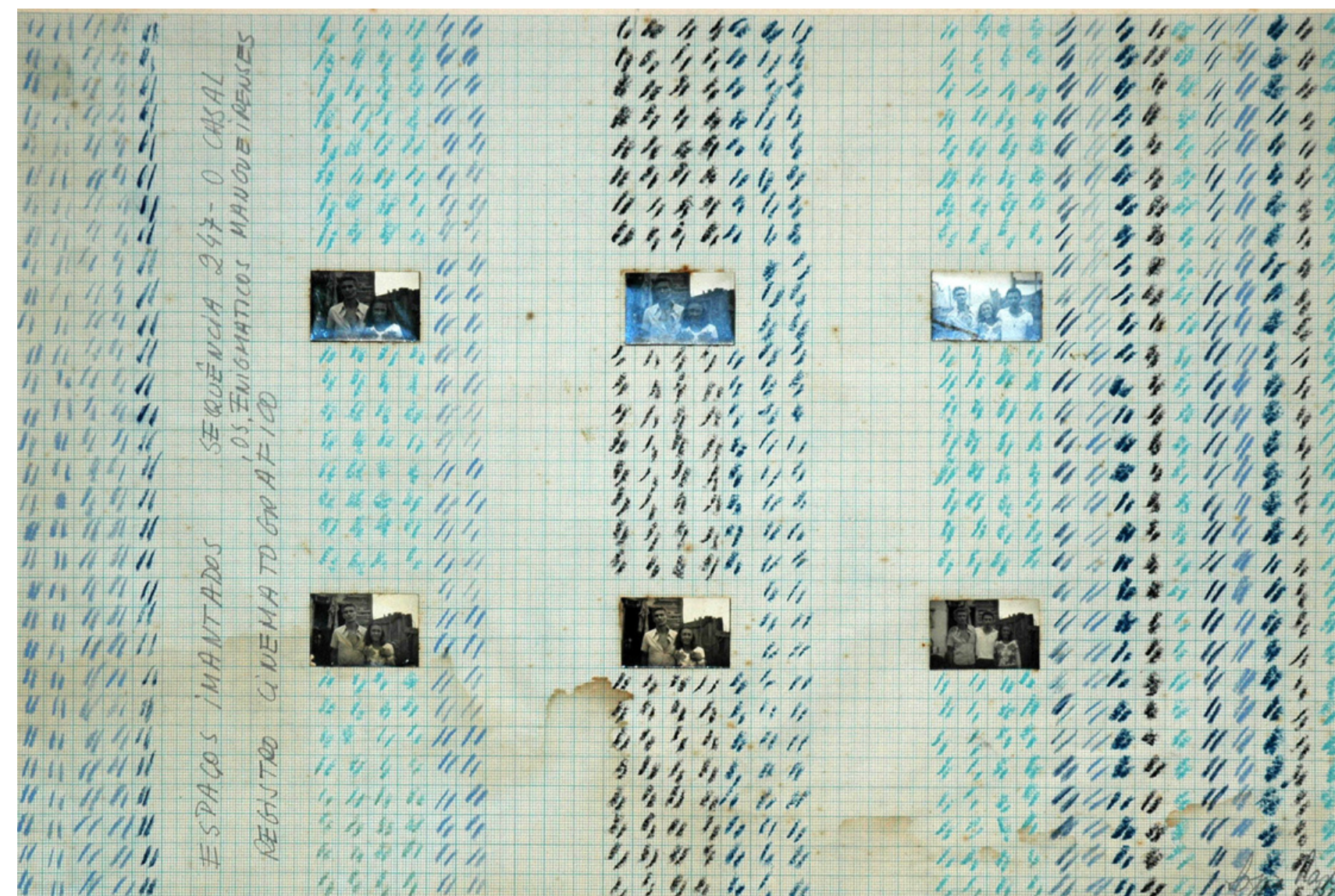
Lara Filipe
Me liquefaço (1998)
Objeto
Tecido costurado e metal.
Participação em exposições:
Exposição Sem título (Gaeu, 1998)
Sedução (Gaeu, 1999)
Cúando tú for mileva (Gaeu, 2014)

Lygia Pape

Observe agora as colagens de Pape com fundo azul. Olhe atentamente para as linhas desenhadas pela artista em volta das fotografias. Quais ligações você acredita que possam existir entre essas duas obras?

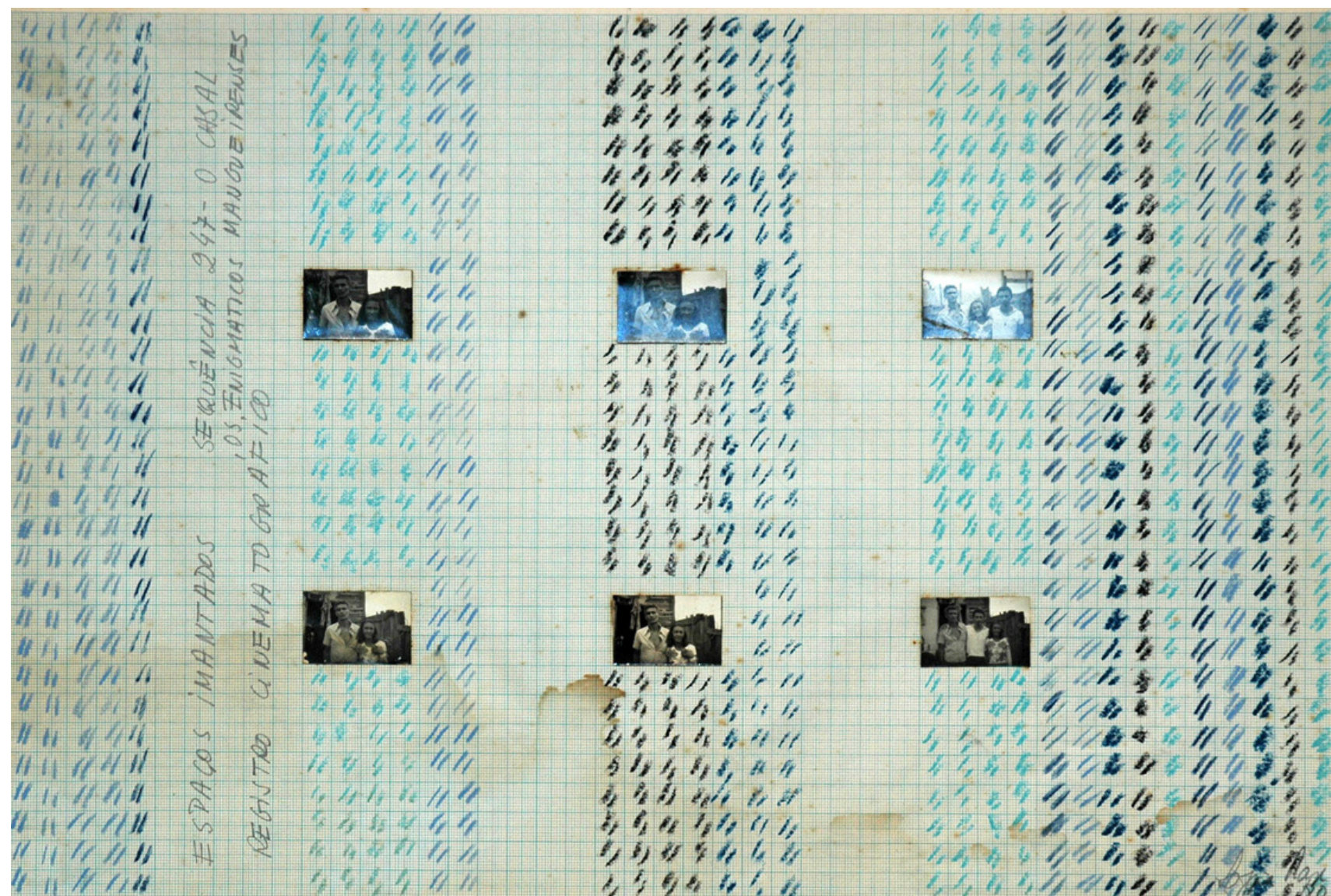


Lygia Pape
O sabonete das estrelas da série *Espaços imantados* (1980)
Colagem
Crayon, colagem e grafite sobre papel.
Participação em exposições:
Os ovos do vento (Gap, 1980)
Acervo da Galeria de Arte e Pesquisa (Gap, 1982)



Lygia Pape
O casal - Os enigmáticos mangueirenses da série *Espaços imantados* (1980)
Colagem
Crayon, colagem e grafite sobre papel.
Participação em exposições:
Os ovos do vento (Gap, 1980)

Lygia Pape



Lygia Pape

O casal - Os enigmáticos mangueirenses da série *Espaços imantados* (1980)

Colagem

Crayon, colagem e grafite sobre papel.

Participação em exposições:

Os ovos do vento (Gap, 1980)

Lygia Carvalho Pape foi carioca, gravadora, escultora, pintora, diretora de cinema, designer e docente. Iniciou seus estudos em arte com os gravadores Fayga Ostrower e Ivan Serpa, integrando mais tarde dois movimentos brasileiros: o concretismo e o neoconcretismo.

Sua obra é pautada pela experimentação, liberdade e manipulação das diversas linguagens, formatos e suportes. Assim, a artista coloca o espectador como participante da obra. As obras de Pape, em certo momento, trouxeram assuntos políticos e históricos em seus temas, por meio dos mais variados suportes que conversavam com a realidade da época.

Lygia Pape

Como design, foi responsável por desenvolver as embalagens da marca de biscoitos brasileira Piraquê. Pape ficou conhecida como um dos principais nomes da arte brasileira contemporânea e suas obras estão expostas em vários museus ao redor do mundo.

Em “O sabonete das estrelas” (1980), uma das obras de Lygia presente nesta exposição, a artista traz a imagem de uma indígena sorridente e rodeada pela água do rio em um cartão postal, de forma a fazer referência a uma propaganda do sabonete Lux, que trazia a frase: “O sabonete preferido por 9 entre 10 estrelas do cinema”, e uma mulher famosa que representaria a mulher brasileira.

A fama da propaganda era grande, e Lygia utilizou dessa referência para fazer uma crítica à visão ali exposta. Ela buscou construir uma imagem da mulher brasileira dando destaque a mulher indígena de modo a reformular a maneira como os nativos brasileiros eram representados na época. Nessa obra é possível observar mais uma fase da carreira de Lygia em que a artista passa a conversar com a propaganda e os meios de comunicação.



Lygia Pape
O sabonete das estrelas da série *Espaços imantados* (1980)
Colagem
Crayon, colagem e grafite sobre papel.
Participação em exposições:
Os ovos do vento (Gap, 1980)
Acervo da Galeria de Arte e Pesquisa (Gap, 1982)

Mara Perpétua

Mara Perpétua se formou pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no ano de 1990, em Artes Plásticas Bacharelado, e no ano de 1998 em Educação Artística Licenciatura. Cursou Pós-Graduação na UFES em Arte Educação, no ano de 2002. Ela atua como arte-educadora no ensino público e em espaços expositivos com projetos em mediação cultural, além disso é professora no Projeto Atelier da Prefeitura Municipal de Vitória desde 2008.

Mara trabalhou com ilustração, curadoria e desenvolveu projetos educativos para exposições e instituições culturais capixabas.

A artista possui grande afinidade com o desenho, a linha, o papel e a sobreposição, na qual utiliza o corretivo para marcar a sua presença no suporte. A obra em formato de livro presente na Exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, feito por ela com a idade de 47 anos, recebe o número "47" em seu título, com a ideia de autorretrato e como forma de jogo e brincadeira com o tempo, uma prática comum presente nos títulos de seus trabalhos. A ideia do livro é trazer uma sequência de imagens com uma pequena quebra dessa sequência através do tempo, por meio do folheamento das páginas.



Mara Perpétua
Vermelho 47 (2014)
Livro de artista
Embalagem em tecido e linha de algodão,
nanquim branco sobre papel.

Mara Perpétua

Em 2023, Mara completa 33 anos de produção, em que o desenho é utilizado em diferentes linguagens, como: performance, aplicado em tecido, parede, objetos, etc. No contexto atual, a artista constrói objetos que existem como acontecimentos no tempo entre uma coisa que está por vir e que foi.

Observando essa obra de um desenho com palavras, você já imaginou que desenhos podem ser feitos dessa forma? Saindo do tradicional desenho realista, que muitos acreditam ser a única forma de desenho? Já teve alguma experiência em desenhar sensações e acontecimentos do dia a dia?



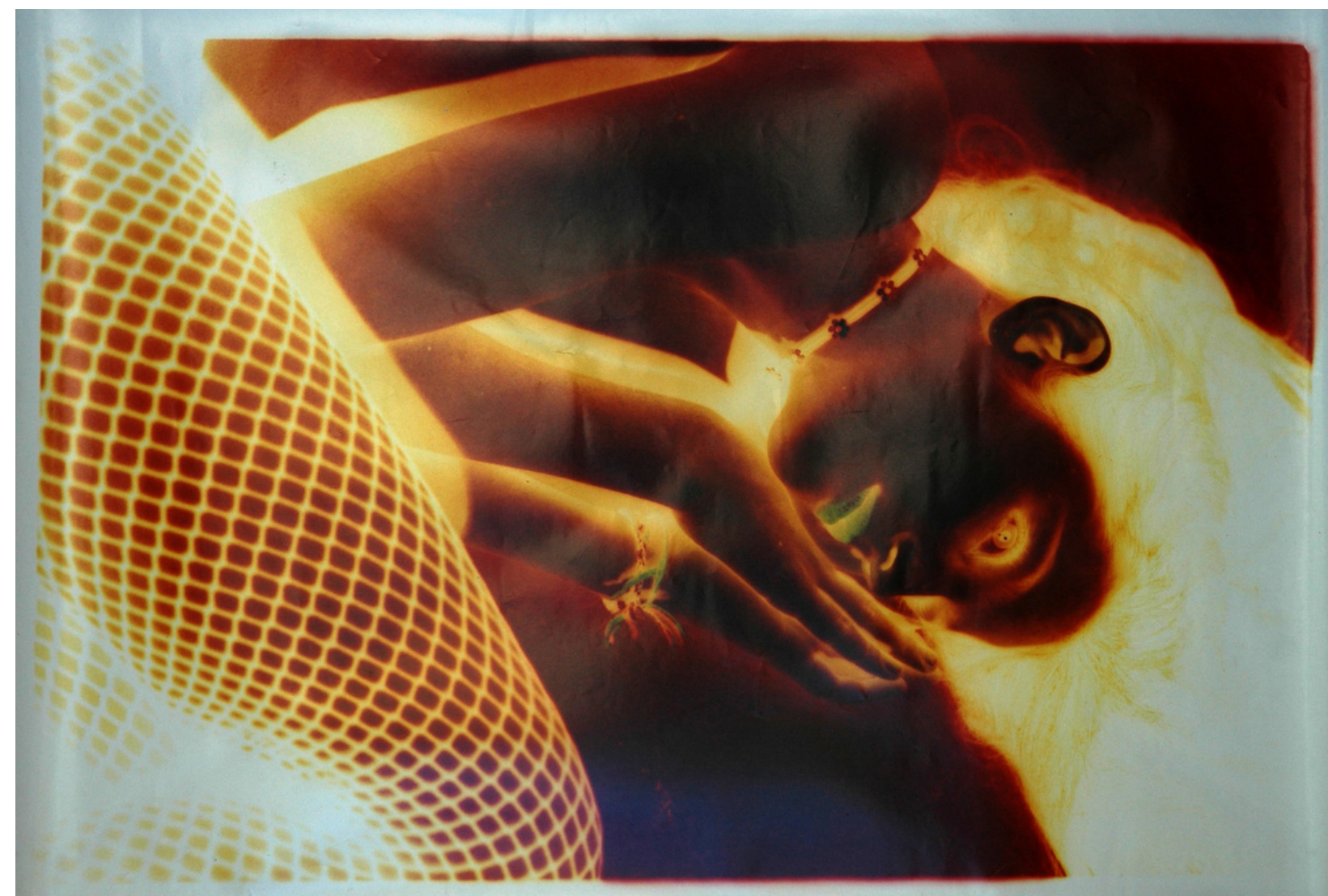
Mara Perpétua
Vermelho 47 (2014)
Livro de artista
Embalagem em tecido e linha de algodão,
nanquim branco sobre papel.

Márcia Capovilla

Marcia Capovilla nasceu em Vila Velha, no Espírito Santo. Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo. Aqui na Ufes, atuou por 26 anos como docente de diversos cursos. Em 2004, foi convidada para iniciar o Curso Superior de Tecnologia em Fotografia da Universidade de Vila Velha. Também atua no mercado da fotografia publicitária e trabalha com diversos projetos autorais.

A artista possui duas exposições individuais e participações em mais de 50 exposições coletivas.

Márcia, em conversa com a GVNews TV, diz que fotografar a torna uma pessoa mais sensível e perceptiva. Considera que seus trabalhos também são carregados da sua bagagem individual. Para ela, sua realização se dá, principalmente, em fotografar pessoas e fazer retratos, o que a levou a se interessar também por trabalhar com a moda, suas produções e sofisticções.



Márcia Capovilla

Sem título (2004)

Fotografia em negativo.

Participação em exposições:

Márcia Capovilla - Fotografia (Gaeu, 2004)

Márcia Capovilla

A fotografia de Márcia presente nessa exposição na Gaeu, impressa em negativo, traz consigo a reflexão de características que compõem o analógico e o digital a partir da observação do resultado do processo.

A artista destaca que a obra foi construída a partir de uma técnica muito usada por ela nos anos 80 e 90, que se constitui por uma mudança de químicas feita no momento da revelação e que modifica o resultado final da fotografia.

Pensando na fotografia sensível de Marcia, quais momentos na sua rotina são interessantes de serem capturados?



Márcia Capovilla
Sem título (2004)
Fotografia em negativo.
Participação em exposições:
Márcia Capovilla - Fotografia (Gaeu, 2004)

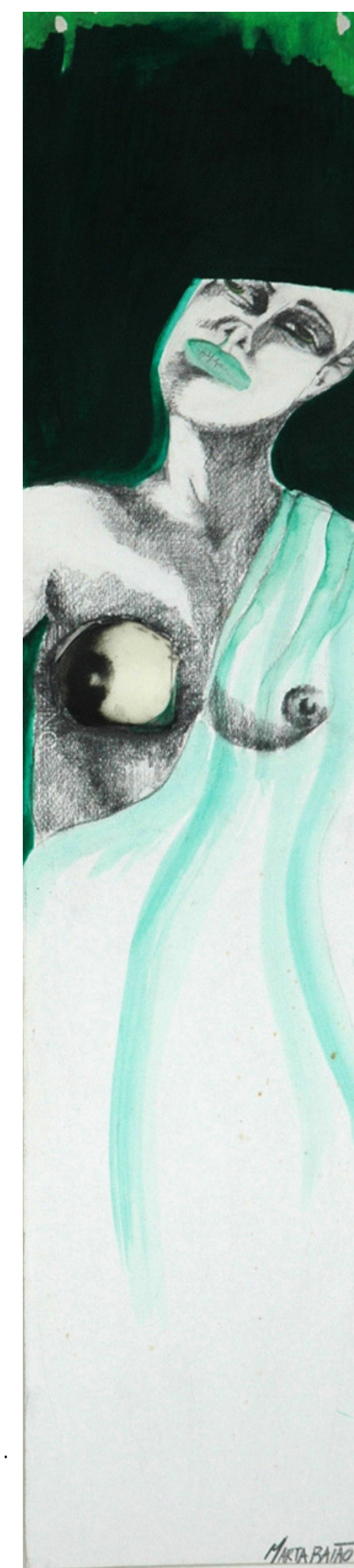
Marta Baião

Marta Baião é multiartista e ativista capixaba, cursou graduação em Artes Plásticas na UFES, posteriormente realizou sua pos-graduação em Artes Cênicas na USP e em seu pós-doutorado pesquisou sobre o Artivismo e outras modalidades de revolta Feminista.

Atualmente Marta é coordenadora do CIM - Centro de Informação da Mulher, o maior acervo de gênero da América Latina, e também integra o grupo de teatro feminista Mal-Amadas, onde encena e dirige peças.

Marta Baião, participou intensamente como expositora na Galeria de Arte Espaço Universitário, entre os anos 1978 e 1992, totalizando 10 exposições, entre individuais e coletivas. Algumas dessas exposições foram: Programa Bolsa Arte 78 em 1978; Martinha, Murilo e Neusa em 1979 e Marta Baião em 1992. Sobre essa época, a artista relembra sua intensa participação na vida política, cultural e artística dentro da universidade em contexto da ditadura militar e ressalta a importância da galeria, como espaço de acolhimento aos artistas que respondiam com suas produções, à lógica eurocêntrica impartida na História da Arte.

Marta Baião
Sem título (1992)
Desenho
Grafite e bastão oleoso sobre papel.
Participação em exposições:
Exposição sem título (Gaeu, 1992)



Marta Baião

Sua poética perpassa pela fotografia, performance, atuação, encenação, desenho, ilustração, criação e montagem de instalações plásticas/performativas e outras modalidades de revolta. A obra do nosso acervo que encontra-se hoje exposta, foi exibida pela primeira vez em 1992, embora tenha seus inícios na pesquisa desenvolvida pela artista em 1978, envolvendo o desenho de órgãos sexuais, não como projetores de sexualidade, e sim como imagens de censura. Olhando a obra, quais materiais e técnicas, você imagina que foram usados na criação do trabalho? Na época, os materiais explorados pela artista abrangiam grafite, pastel e tinta acrílica.

Sobre a presença da obra na exposição Mulheres Artistas, e o atual impulso decolonial nas artes, como também em outras áreas, Marta Baião considera importante a denúncia da interdição das mulheres na arte e na história em geral, e a exploração da auto representação por mulheres, ou melhor chamada contra representação.

Marta Baião
Sem título (1992)
Desenho
Grafite e bastão oleoso sobre papel.
Participação em exposições:
Exposição sem título (Gaeu, 1992)



Nelma Guimarães

Observe a escultura de Nelma à sua frente, o que a cor vermelha presente nessa obra provoca em você? E seu formato? O que te provoca a pensar e identificar?

Nelma Guimarães nasceu no Mato Grosso e foi criada no Espírito Santo. Estudou Enfermagem, Artes, Letras e Inglês na Ufes. Fez aulas de artes no Museu Lasar Segall em São Paulo e estudou com o artista Carlos Fajardo. Desde muito cedo foi atraída pela pintura e posteriormente introduziu o uso de várias linguagens como o bordado, pintura e escultura criando assim grandes possibilidades em suas produções.

Para Nelma, a arte pode se fundir às coisas cotidianas, dessa forma é possível notar um efeito decorativo em suas obras. Atualmente ela mora e trabalha na Chapada Diamantina.



Nelma Guimarães
Helga (1990)
Escultura
Papietagem.
Participação em exposições:
Mostruário (Gaeu, 1990)

Nelma Guimarães

A artista participou de diversas exposições na Gaeu, sendo duas mostras individuais. Na mostra individual *Mostruário*, em 1990, a artista apresentou algumas intervenções ligadas às relações entre as pessoas por meio de símbolos como o coração e uso de cores quentes como o vermelho, o laranja e o rosa em suportes diversos como telas, roupas e bichos de madeira.

Em sua mostra individual mais recente *Vou mostrando como sou e vou sendo como posso*, em 2018, Nelma apresentou seus trabalhos como memória afetiva. A partir do uso de linhas e contas coloridas, propunha apreciar e registrar os movimentos hábeis de suas mãos ao apresentar composições em bordado por diferentes perspectivas.



Nelma Guimarães
Helga (1990)
Escultura
Papietagem.
Participação em exposições:
Mostruário (Gaeu, 1990)

Nelma Pezzin

Nelma nasceu em Aimorés – MG, em 1955. cursou a graduação em Artes Plásticas aqui na Ufes e fez mestrado em Comunicação e Semiótica na PUC- São Paulo. Foi professora do Departamento de Artes Visuais da Ufes até 2015, quando se aposentou.

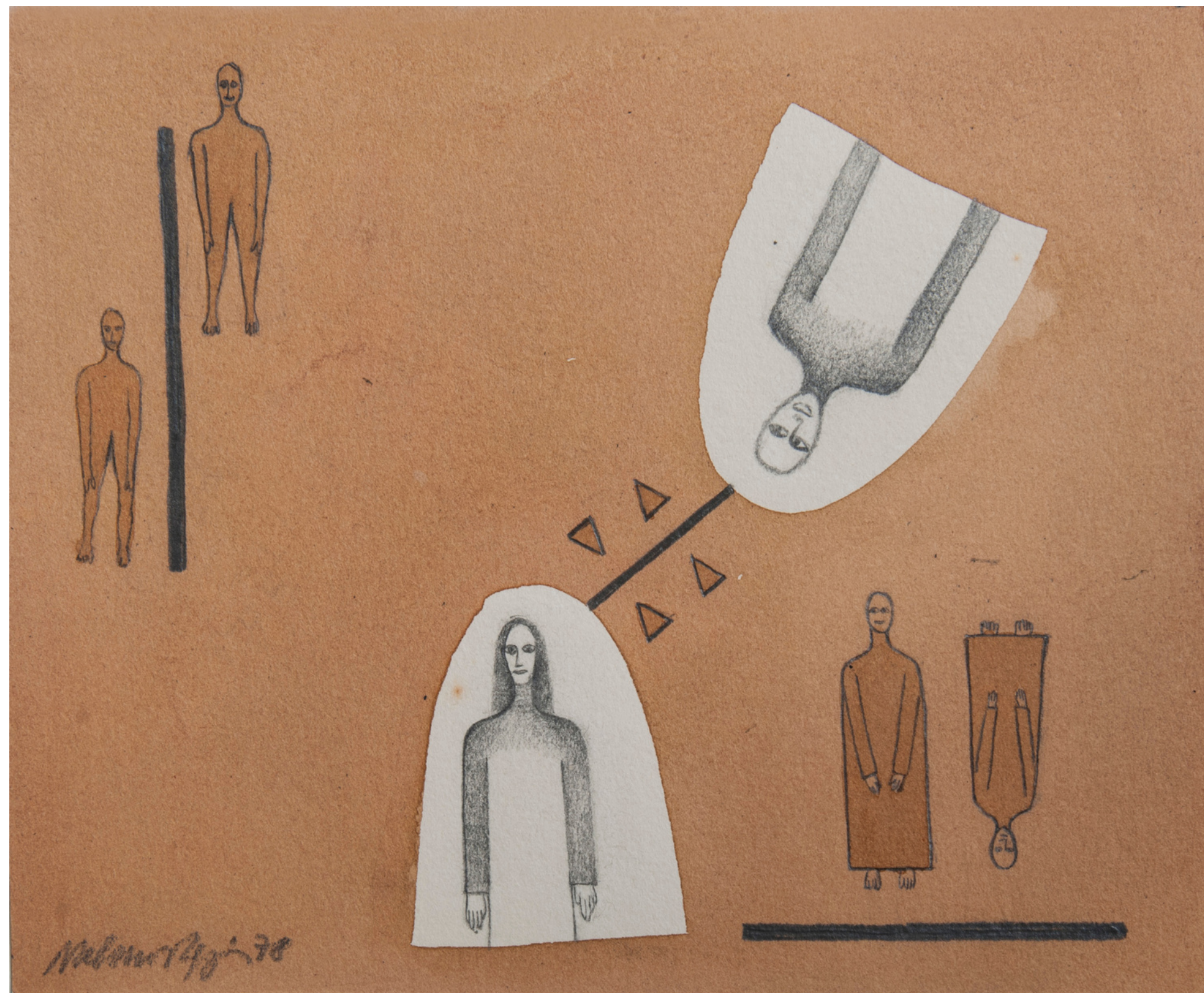
Em entrevista de Moema Martins Rebouças, realizada para a pesquisa “O fazer sensível de Nelma Pezzin: artista e professora”, Pezzin diz que desde criança era apaixonada por desenhar, e contrariou toda a família ao escolher fazer Artes Visuais. Chegou a quase cursar Economia por pressão, mas decidiu seguir sua própria vontade.



Nelma Pezzin
Sem título (1978)
Pintura
Aquarela e grafite sobre papel.
14,8 x 18,5 cm

Nelma Pezzin

Apesar de seu trabalho atualmente envolver o desenho, a pintura, a gravura e a colagem, para Nelma, o desenho foi o lugar em que se encontrou. A Professora Moema afirma que o desenho da artista, desde quando estudava, já assumia posições que transitavam entre o processo e a gestualidade. Em 1976, Nelma Pezzin, ainda estudante, recebeu o 1º Prêmio em Desenho no III Salão Nacional Universitário de Artes Plásticas. Desde então, a artista já teve participação em diferentes exposições individuais e coletivas, inclusive na GAEU, onde iniciou sua trajetória artística.



Nelma Pezzin
Sem título (1978)
Pintura
Aquarela e grafite sobre papel.
20,8 x 15,1 cm

Nelma Pezzin

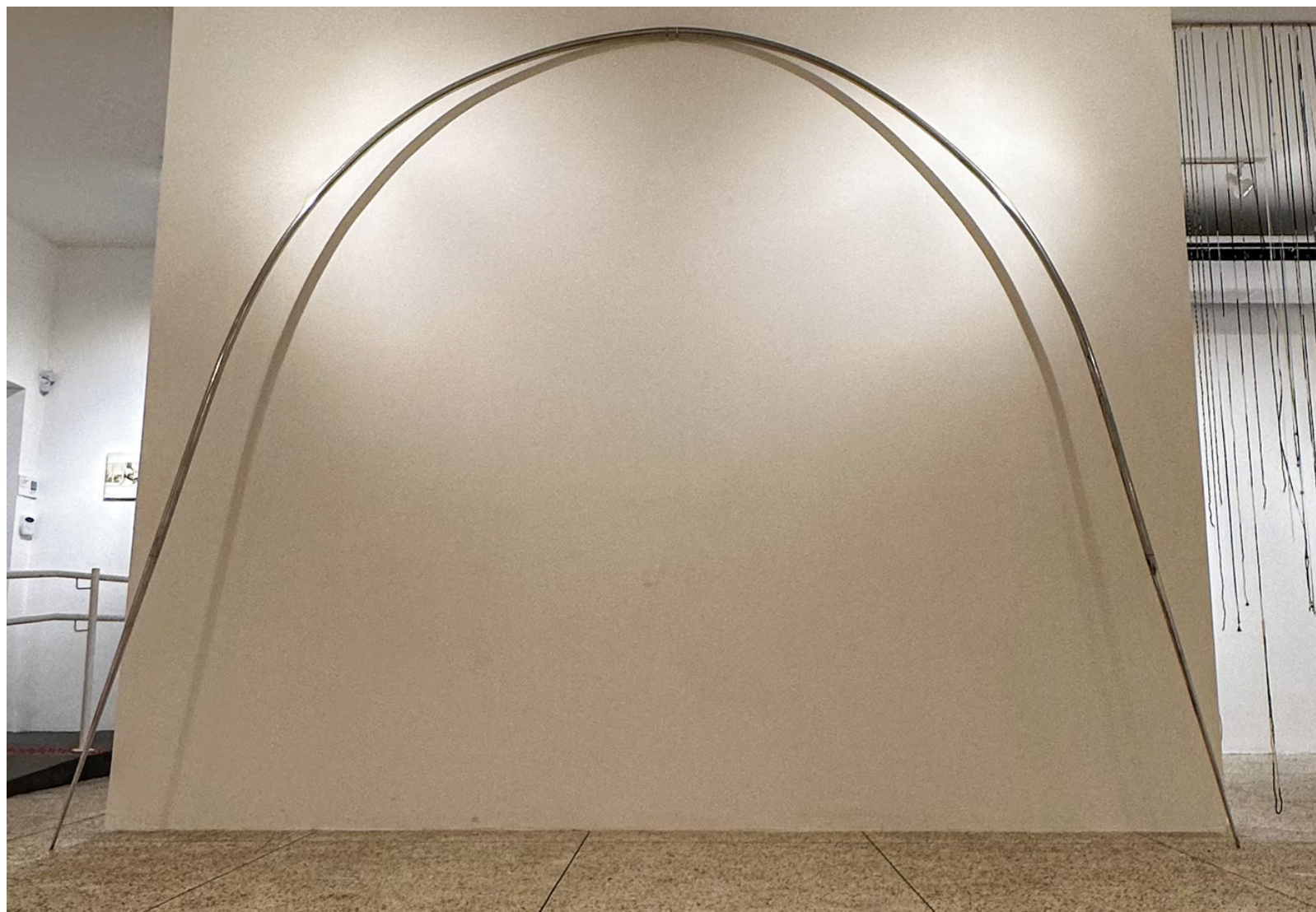


As obras de Nelma presentes na exposição Mulheres Artistas no Acervo da Ufes, como você pode observar foram confeccionadas com grafite e com uma tinta produzida por ela. Os trabalhos são marcados pela presença de duas figuras que se distanciam da realidade e parecem flutuar no espaço diante da quase ausência de traços em suas formas e de conexões entre fundo, figura e borda, demonstrando a linguagem poética própria que a artista almejava alcançar no desenho. O que você percebe olhando essa obra? A artista conseguiu alcançar certa leveza com suas técnicas?

Por acreditar que fazer arte é algo que não se acaba, é sobre estar permanentemente aberta a novas questões, Nelma gosta de explorar a busca pelo autoconhecimento, pelos temas místicos e também a incompletude das coisas em seus trabalhos - como vemos nas figuras que se refletem como no espelho, nos símbolos presentes e no processo de criação da artista.

Nelma Pezzin
Sem título (1978)
Pintura
Aquarela e grafite sobre papel.
14,8 x 18,5 cm

Rosana Paste



Rosana Paste
Arco (1998)
Escultura
Alumínio torneado.
Participação em exposições:
Quase mesa, quase prata, quase tudo (Gaeu, 2001)
Espírito 80 (Gaeu, 2015)

Rosana Paste se formou no ano de 1992 no curso de Artes Plásticas Bacharelado pelo Centro de Artes da UFES. Posteriormente, realizou mestrado e doutorado no PPGE UFES. Além de artista, é professora dos cursos de Artes da Ufes, desde 1994, até os dias atuais. É também autora do livro chamado “eumuseu rosana paste” que foi lançado em 2014.

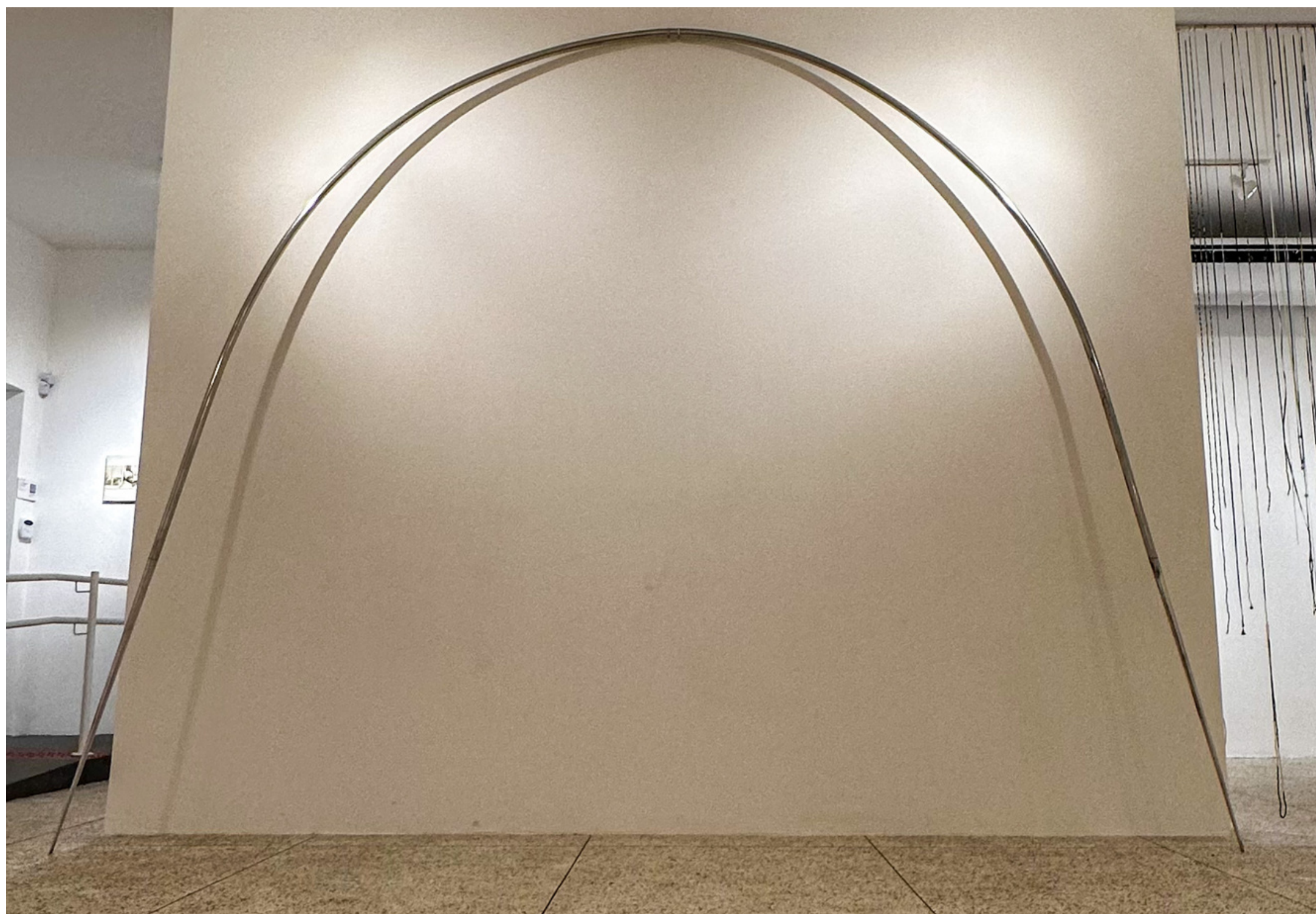
A artista participou de inúmeras exposições ao longo dos anos, com destaque para o Projeto Rumos Visuais, realizado pelo Itaú Cultural, nos anos 2000, e com exposições em São Paulo, Rio de Janeiro, Ceará e Paraná.

A obra “Arco”, que está presente nesta exposição, foi exposta inicialmente na Galeria Homero Massena, em 1999, e logo após participou de todas as mostras do Projeto Rumos Visuais, onde fez parte de um conjunto que explorava as relações entre corpo e arquitetura.

Observando agora a escultura da Rosana Paste podemos pensar em sua produção. Como você acredita que essa escultura foi feita? Que tipo de material acha que foi utilizado?

Rosana Paste

A artista afirma que a obra, o arco, ganha uma dimensão de um pensamento da escultura em um espaço arquitetônico, gerando um diálogo possível entre essas duas construções (arquitetura e escultura). Também provoca reflexões sobre seu aspecto industrial, na medida em que o objeto foi idealizado para que não tenha falhas ou vestígios de manufatura.



Rosana Paste
Arco (1998)

Escultura

Alumínio torneado.

Participação em exposições:

Quase mesa, quase prata, quase tudo (Gaeu, 2001)

Espírito 80 (Gaeu, 2015)

Rosana Paste



Rosana Paste
Arco (1998)
Escultura
Alumínio torneado.
Participação em exposições:
Quase mesa, quase prata, quase tudo (Gaeu, 2001)
Espírito 80 (Gaeu, 2015)

Vou te contar como o processo criativo de Rosana Paste chegou nesta obra. Na primeira metade da década de 1990, a artista produziu obras em chumbo, algumas vezes conjugando este material com a parafina e o ferro. Os volumes tendiam a uma organização regular e é evidente seu interesse pelas formas geométricas. Na segunda metade da mesma década, Paste experimentou outros metais para a confecção de suas peças, dando outro rumo para a sua investigação. O metal assume formas mais controladas: delgadas, escovadas, lisas, convidando o olhar a deslizar com facilidade sobre sua superfície. Estas peças surgem de dentro da parede ou do chão do espaço expositivo, remetendo a um espaço que está além do percebido, sugerindo que seu início encontra-se num outro lugar, talvez inacessível. Ou seja, tal conjunto de peças parece questionar as margens do espaço, como um desenho que extrapola as bordas do papel ou um ator que inicia sua ação ainda da coxa, antes de entrar em cena. O que você imagina estar contido neste arco?

Simone Guimarães



Simone Guimarães é artista plástica e fotógrafa capixaba. Atuou como professora de fotografia em diversos cursos da UFES por mais de 20 anos. Suas fotografias, como você pode perceber nesta obra presente na exposição, são consideradas um olhar atento do mundo, uma forma de se comunicar, retratando cenas do cotidiano, pessoas e paisagens, elementos dos quais possui ligação e que exalam afetividade para a artista. As fotos são feitas com filme fotográfico e reveladas em seu laboratório a partir de químicos convencionais, desviando dos processos digitais que conhecemos atualmente.

Simone Guimarães
Sem título (1981)
Fotografia p/b sobre madeira.
Participação em exposições:
3º Salão do centro de artes (Ufes, 1981)
Cúando tú for mileva (Gaeu, 2014)

Simone Guimarães

Simone utiliza de produtos químicos, cujo efeitos proporcionam cores especiais às imagens, dando a impressão de serem pinturas realizadas pela máquina fotográfica. Em entrevista ao Jornal A Gazeta, a artista destacou que a fotografia não pode ser vista como uma cópia da realidade, visto que o artista, ao fotografar, também se coloca nesse processo.

Simone já realizou diversas exposições individuais e coletivas ao longo de sua carreira, inclusive fora do estado. Durante muito tempo trabalhou com a fotografia em filme preto e branco, mas foi influenciada a fazer o uso das cores por um fotógrafo que admirava. Teve sua primeira exposição de fotos coloridas, "Retratos", realizada aqui na GAEU em 1979, onde reuniu 42 peças para expor.



Simone Guimarães
Sem título (1981)
Fotografia p/b sobre madeira.
Participação em exposições:
3º Salão do centro de artes (Ufes, 1981)
Cúando tú for mileva (Gaeu, 2014)

Tatiana Rosa



Toque os fios presentes na obra “Abre Caminhos” à sua frente com suas mãos e em seguida atravesse a obra. Qual sensação você tem ao realizar esse caminho?

Tatiana Gomes Rosa é licenciada em artes visuais pela UFES e mestre em Relações Étnico-Raciais pelo Cefet-RJ. Além de artista, Tatiana é arte-educadora em espaços escolares e não escolares, trabalhando como professora da rede pública de ensino e idealizando projetos de arte educação em outros espaços, como o projeto Marés - Movimentos da Arte e da Educação e o Raiz Forte Espaço de Criação e Ku Sanga de contas contadas. A artista tem seus estudos, pesquisas e ações voltadas para as práticas de ensino da arte e para as relações étnico-raciais, sob a episteme da equidade.

A obra “Abre caminhos”, da artista Tatiana Rosa, exposta na exposição “Mulheres Artistas no acervo da UFES”, é um desdobramento de uma pesquisa de iniciação científica que a artista realizou na universidade entre os anos de 2007 e 2008, onde estudou os fios de contas nas religiões afro brasileiras. Posteriormente esse trabalho foi construído a partir de histórias contadas através dos fios de contas, que foram criados coletivamente por pessoas de diferentes partes das relações da artista, onde cada pessoa teceu seu fio apoiado no seu repertório de práticas da religiosidade Ubuntu.

Tatiana Rosa

Abre caminho (2013)

Objeto

Contas, pedraria, tecido sobre fios de nylon.

Participação em exposições:

Horizonte (Gaeu, 2013)

Tatiana Rosa



Não é a primeira vez que essa obra é exposta na GAEU, inicialmente foi exibida na mostra “Horizontes”, realizada entre os anos de 2013 e 2014, que contava ainda com a participação das artistas negras Charlene Bicalho, Thaís Apolinário e Luara Monteiro. O encontro dessas artistas, através da Exposição Horizontes, trouxe uma reflexão sobre a herança cultural negra e sobre a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Sobre sua obra , a artista Tatiana Rosa comenta: “Constatedurante o processo de construção do Abre-caminho, a importância da coletividade para a proposição de uma “contranarrativa” frente à hegemonia cultural estabelecida como ideal. Um caminho para se apresentar a estética simbólica dos fios-de-contas”.

Tatiana Rosa
Abre caminho (2013)
Objeto
Contas, pedraria, tecido sobre fios de nylon.
Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)

Thaís Apolinário



Observe as camadas coloridas à sua frente, como você acredita que essa obra foi realizada? Você consegue identificar o material utilizado pela artista e a quantidade de camadas presentes na obra?

Thais Ferreira Apolinário, é capixaba e formada em artes visuais pela UFES. Em 2004 inicia sua pesquisa no campo da pintura. Atuou como mediadora, construindo propostas de arte-educação em Galerias e Museus. Trabalhou como gestora de projetos do Programa Rede Cultura Jovem na Secretaria de Estado de Cultura. Atualmente trabalha como Arte-educadora no Cajun - Projeto Caminhando Juntos, desenvolvendo projetos de arte com crianças e adolescentes. Também desenvolve trabalho de cenografia e figurino em grupos de dança e espetáculo. Continua sua pesquisa em arte e seus desdobramentos.

Thaís Apolinário
Sem título (2013)
Pintura
Corante em cola PVA.
Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)

Thaís Apolinário

Sobre a poética da artista, em matéria publicada na “A Gazeta”, Henrique Guimarães comenta em seu texto “Uma revisão da linguagem Pintura”: “A partir de uma pesquisa em tintas, a artista consegue congelar o gesto e o processo. Da técnica de pintura se retirou a camada pintura, dissecando-a e expondo a fragilidade do gênero. O resultado gerado é uma película, pura e simples de pintura, que se expande além do bidimensional.”

Na GAEU, Thais expôs no ano de 2013, na exposição “Horizontes”, juntamente com Tatiana Rosa, Charlene Bicalho e Luara Monteiro. Sua obra presente na exposição é composta por diversas camadas de cola PVA tingidas de corantes de várias cores e que assumem múltiplas formas e dimensões. O trabalho buscou refletir sobre a memória e experiências da artista e seus familiares, através de camadas de peles, pensando na relação com o tempo, o outro, sua ancestralidade, sua história e sua construção e vivência enquanto mulher negra.



Thaís Apolinário
Sem título (2013)
Pintura
Corante em cola PVA.
Participação em exposições:
Horizonte (Gaeu, 2013)

Thais Graciotti

Thais Graciotti é artista visual, e tem a viagem como elemento disparador para a produção de seus trabalhos, tendo como elementos básicos de investigação: a ilha, o barco, a ficção e a literatura. Como principais linguagens de expressão, a artista tem: a colagem, a fotografia, o vídeo, o livro de artista e a instalação. Há um jogo constante entre a invenção de mundos, o reescrever histórias, a reconstrução de paisagens, a apropriação de imagens e textos que encontra em suas viagens ou percursos.

A obra de Thaís que vemos aqui traz a psicologia e o tato em forma de imagem. Para realizar seu trabalho, a artista convidou pessoas que ela não conhecia e deslocou-se até elas. A obra intitulada "Trocas" busca, fazer relações humanas a partir de ideias como mudança, encontros e confusão. A roupa usada nas trocas carrega a memória por meio do cheiro do corpo que a vestia anteriormente. A proposta era tornar a roupa um lugar sensível como sendo outra camada do corpo que carregamos a vida toda. As roupas eram colocadas de forma a não respeitar a forma usual de vesti-las como forma de expor as subjetividades dos encontros.



Thais Graciotti

Trocas (2006)

Fotografias em plotagem adesiva.

Participação em exposições:

Trocas (Gaeu, 2006)

Thais Graciotti

Thais é formada em Artes Plásticas na UFES e é Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP. Além disso, também é doutora em Arte e Cultura Contemporânea na UERJ-RJ. Atualmente, atua também como professora e pesquisadora do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

Observando a obra da artista, você já imaginou que fosse possível fazer arte utilizando como material apenas roupas? Você tem alguma memória afetiva de uma roupa que teve no passado? Existe alguma cor de roupa que você sempre tende a escolher para usar?



Thais Graciotti
Trocas (2006)
Fotografias em plotagem adesiva.
Participação em exposições:
Trocas (Gaeu, 2006)

Tomie Ohtake

Tomie Ohtake nasceu em 1913, em Kyoto, no Japão, onde realizou seus estudos. Em 1936, chegou ao Brasil para visitar um de seus cinco irmãos e impedida de voltar, devido ao início da Guerra do Pacífico, acabou ficando no país. Casou-se, criou seus dois filhos, e com quase 40 anos começou sua carreira artística. A artista produziu pinturas, gravuras e esculturas, que participaram de 20 Bienais Internacionais, mais de 120 exposições individuais e quase quatro centenas de coletivas, entre Brasil e exterior, além de 28 prêmios.

Tomie Ohtake é conhecida por seus trabalhos, que apresentam uma aparência simples e minimalista, mas que se visto à segunda vista, se revela algo mais complexo e delicado. Seu modo de criação é caracterizado por prévias e estudos até que se chegue à sua execução. Tal rigidez, não vem a tornar Ohtake uma artista racional e vertical, mas em constante movimentação e inquietação.



Tomie Ohtake
Sem título (1993)
Serigrafia sobre papel, tiragem 12/100.
Participação em exposições:
Tomie Ohtake- Pinturas e gravuras (Gaeu, 1995)

Tomie Ohtake

De acordo com os curadores Paulo Miyada e Carolina De Angelis, “ainda que, em alguns momentos, Tomie Ohtake tenha utilizado a tesoura para realizar seus estudos, ela nunca fez uso de materiais que conferissem precisão geométrica ao desenho e às formas. Assim, ela se manteve sempre aberta aos acasos e imprecisões da mão. Além disso, é possível pensar nas analogias constantes entre suas obras e a morfologia da arquitetura e da paisagem”.

Observando a obra exibida aqui, quais pontos de cores, gestos e movimentos mais chamam a sua atenção? Neste trabalho em específico, podemos ver como a Tomie Ohtake usa a sua técnica de sobreposição de planos em ortogonal sobre a base da imagem. Ou seja, como uma colagem, o materialismo e a transparência cromáticos se impõem na composição. Dessa forma, a artista traz várias perspectivas para o observador da obra. Sempre propõe esse pequeno movimento quando considera-se toda a composição de figuras, cores e texturas.



Tomie Ohtake
Sem título (1993)
Serigrafia sobre papel, tiragem 12/100.
Participação em exposições:
Tomie Ohtake- Pinturas e gravuras (Gaeu, 1995)